

VIDA & CIÊNCIA

A Morte no Brasil Colônia

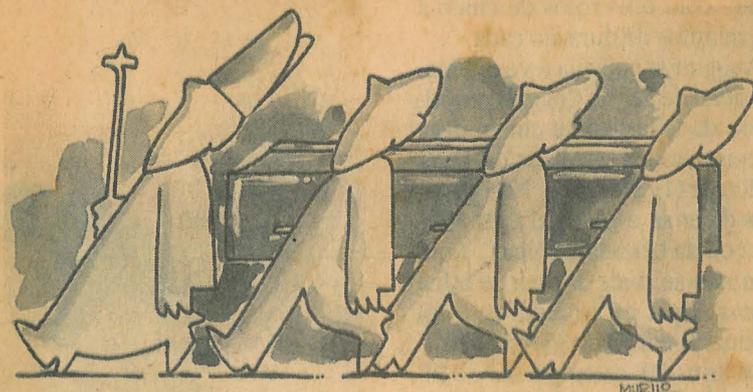
VIVIANE GALVÃO

O complexo ritual funerário instituído pela Igreja colonial em pouco se assemelha aos rituais praticados nos dias de hoje. O imaginário da sociedade colonial, em sua essência católica, era povoado por imagens referentes à morte. A doutrina católica da morte, fundamentada na tríade Céu, Purgatório e Inferno, regulamentava o modo de viver e morrer de seus fiéis. Evitar os pecados não era tarefa fácil; procurava-se compensar uma vida desregrada através das "estratégias de salvação".

A primeira destas estratégias era o testamento. Nele a pessoa tinha oportunidade de reparar erros, reconciliar-se com os inimigos, praticar caridade e, principalmente, definir os detalhes de seu sepultamento.

Nos velórios coloniais predominavam inúmeras crenças populares. O corpo era exposto arrumado em cima de um estrado alto chamado de "tarimba" ou "essa", estando seus pés voltados para a rua. Quem chegava cumprimentava o defunto, saudando-o com água benta e tomando cuidado para não pronunciar o nome do falecido, pois poderia evocar sua alma, prendendo-a aqui. Estes velórios eram alegres e animados, contando com comidas e bebidas e, muitas vezes, com música.

Os cortejos fúnebres contavam com a presença dos membros das irmandades leigas, parentes, amigos, curiosos, músicos e padres. Os mais pomposos eram realizados à noite, com a participação de dezenas — ou até mesmo centenas — de pobres, pagos para acompanhar o morto e assistir à missa de corpo presente. A contratação destes pobres, além de aumentar o luxo do cortejo fúnebre, funcionava como "estratégia de salvação", pois a alma do defunto



beneficiava-se do ato de caridade e de suas orações. Por serem considerados especialistas em salvação, acreditava-se que quanto maior o número de padres presentes no enterro, maiores seriam as possibilidades da alma do morto ser salva. Na Bahia foi registrado um funeral acompanhado por cem padres, além do pároco e do sacristão.

O transporte dos mortos era realizado em esquifes (tumbas) ou caixões. Estes eram, em sua maioria, de propriedade das irmandades e de uso coletivo dos irmãos. Após o transporte do corpo, eram lavados e guardados para posterior utilização.

Os sepultamentos eram realizados no interior das igrejas. Quanto mais próximo do altar e das imagens de santos, maior o valor a ser pago. Em geral, os esqueletos eram removidos após alguns anos para ceder lugar a outros. Importantes benfeitores da igreja adquiriam direito à sepultura perpétua através de vultosas doações. O adro da igreja era área desprestigiada, sendo reservada para os pobres e os escravos.

As missas de defuntos tinham o poder de abreviar o tempo passado no purgatório, trazendo grandes benefícios para a alma. Em Pernambuco, no século 18, um rico comerciante português tornou sua alma herdeira de todos seus bens; sua fortuna foi convertida em cento e vinte mil missas em intenção de sua alma.

Nem todas as pessoas podiam

se beneficiar dos rituais funerários. Judeus, hereges, apóstatas, duelistas e seus padrinhos, usuários, ladrões e violadores dos bens da Igreja, suicidas e excomungados não podiam ser inumados em solo sagrado, sendo proibida a celebração de missas por sua morte.

As pessoas muito pobres e os escravos, quando não contavam com a caridade das irmandades leigas, tinham seus corpos abandonados nos matagais e nos rios. Com frequência os despojos dos condenados eram expostos, sendo depois resgatados pela Santa Casa na procissão dos ossos.

A partir do século 19, com a instituição dos cemitérios seculares e com o desenvolvimento de uma política de saúde pública, os rituais funerários se modificam adquirindo suas atuais feições.

● **Viviane Galvão é historiadora e pesquisadora do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)**

Artigos para esta coluna devem ser encaminhados pelo fax (081) 419.2170 ou pelo e-mail cma@jc.com.br. As opiniões aqui expressas são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

DE OLHO NA CIÊNCIA

PILHA

Renatha Andrade Paulino, 15 anos, estudante, residente em Goiana (PE), pergunta:

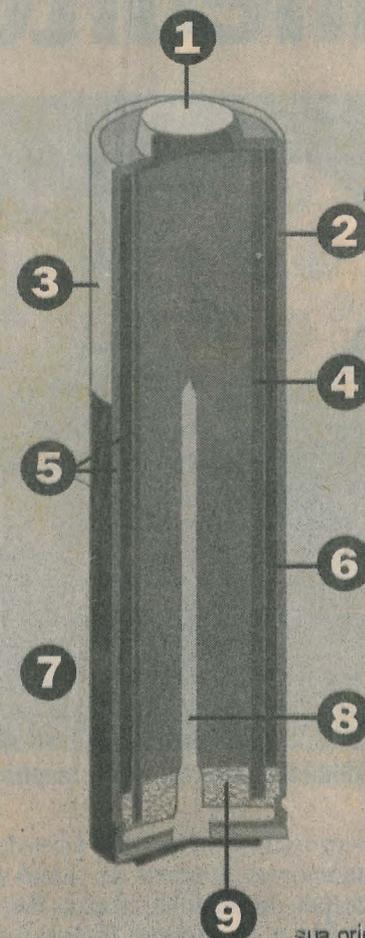
Como são feitas as pilhas e qual a diferença entre as pilhas secas e as voltaicas?

O professor Famarion Borges Diniz, do Departamento de Química Fundamental da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), responde:

Aquilo que normalmente chamamos de pilha é, tecnicamente falando, uma célula galvânica que não pode ser recarregada. As células recarregáveis são chamadas comumente de baterias. Uma célula galvânica é um dispositivo constituído essencialmente de três partes: um cátodo, um ânodo e um separador.

O cátodo é feito por substâncias que têm grande tendência a receber elétrons (por exemplo, o bióxido de manganês, que é parte do cátodo de uma pilha seca). O ânodo, pelo contrário, tem grande tendência a doar elétrons (na pilha seca, o ânodo é um copinho de zinco). O separador impede o contato direto entre ânodo e cátodo e normalmente é feito de um condutor de íons (átomos carregados eletricamente). Na pilha seca, o separador é um papel umedecido com uma solução de cloreto de zinco. Com isto, os elétrons não passam internamente do ânodo para o cátodo, e sim externamente, circulando pelo circuito elétrico do aparelho que desejamos utilizar (rádio, lâmpada, walkman etc).

No entanto, como a pilha é parte do circuito, a corrente elétrica deve circular em seu interior, e isto se dá pelo movimento de íons entre cátodo e ânodo, através do separador. As pilhas podem existir nas mais variadas geometrias mas sempre possuem os componentes mencionados acima.



Componentes de uma pilha alcalina

1. Terminal positivo
2. Invólucro de aço
3. Jaqueta externa
4. Separador
5. Eletroólito
6. Cátodo
7. Ânodo
8. Coletor anódico
9. Selagem

O nome pilha está associado à sua origem. O cientista Alessandro Volta em 1800 descobriu que uma lâmina de prata separada de uma lâmina de zinco por um papel umedecido com água salobra funcionava como fonte de eletricidade. Para aumentar a voltagem (diferença de potencial elétrico) de seu dispositivo, ele fazia uma pilha alternando camadas de prata, papel úmido e zinco (inicialmente ele utilizou cerca de trinta camadas). Nesse caso, o ânodo era o zinco e o cátodo a prata. A unidade de potencial Volt e o nome pilha voltaica são homenagens a esta grande cientista. Portanto, pilha seca é uma pilha voltaica.

JORNAL DO COMMERCIO

De Olho na Ciência, Domingo, 1º de Novembro de 1998

Participe

Mande sua pergunta para a Seção De Olho na Ciência. **Escreva nome, endereço, idade e profissão.**

Pelo Correio: Envie para a Seção De Olho na Ciência, **Jornal do Commercio**, Rua do Imperador, 346, 3º andar, Santo Antônio, Recife-PE. CEP: 50.010-926. a/c Fabiane Cavalcanti.

Pelo telefone: JC Atende (081) 419.2001

Por fax: (081) 419.2170

Pelo e-mail: cma@jc.com.br